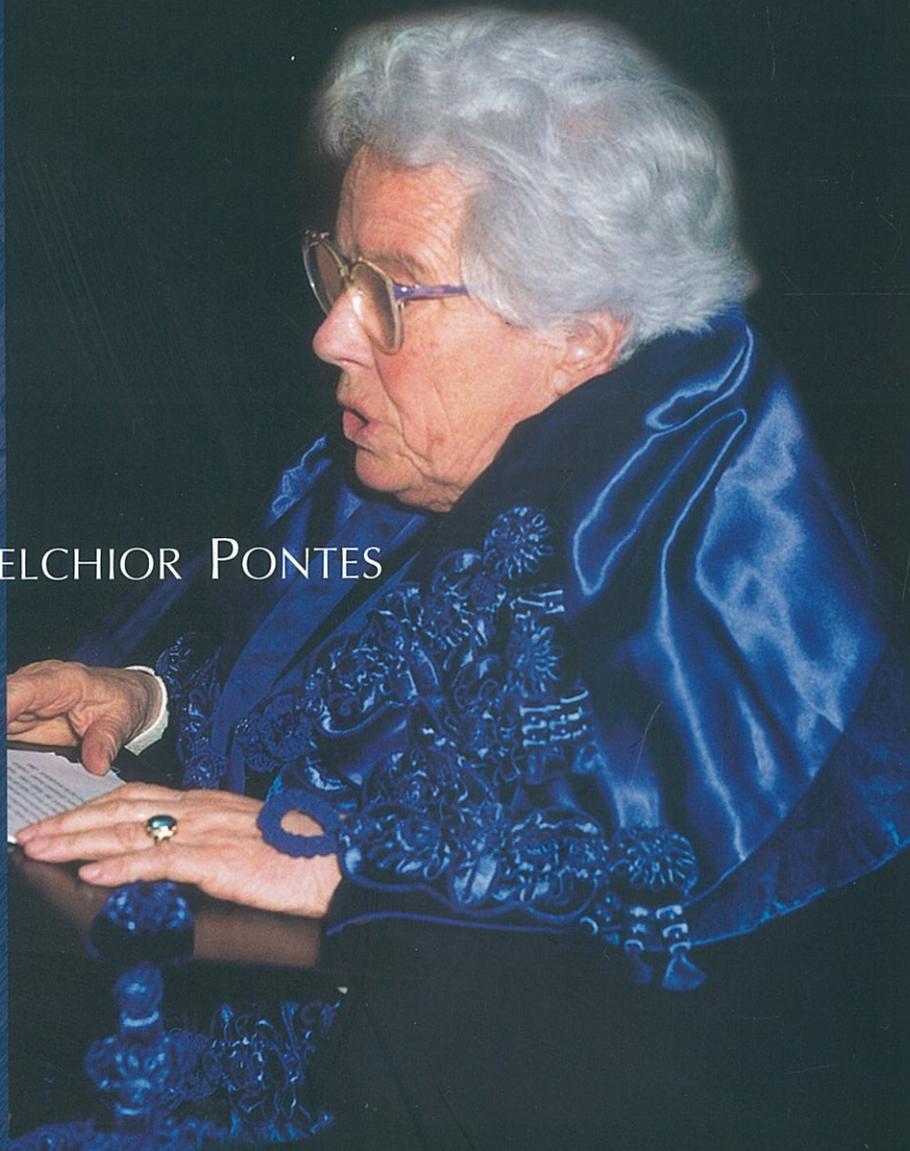


DOUTORAMENTO

Honoris Causa

DA PROF.^a DOUTORA
MARIA DE LOURDES BELCHIOR PONTES



FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

DOUTORAMENTO

Honoris Causa

DA PROF.^a DOUTORA
MARIA DE LOURDES BELCHIOR PONTES



FACULDADE DE LETRAS
DÁ UNIVERSIDADE DO PORTO

Título

DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA*

Autor

Vários

Edição

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
Via Panorâmica, s/n
4150 Porto - Portugal

JULHO DE 1999

Concepção Gráfica

SERAFIM SILVA - SERVIÇOS DE ARTES GRÁFICAS

Tiragem

500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL: 139797/99

ISBN: 972-9350-32-9

ACTO DE DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA*
DA PROF.^A DOUTORA MARIA DE LOURDES
BELCHIOR PONTES NA FACULDADE DE LETRAS DA
UNIVERSIDADE DO PORTO EM 15 DE MAIO DE 1996

A UNIVERSIDADE DO PORTO

A Universidade do Porto foi criada pelo decreto de 22 de Março de 1911 como emanação de escolas precedentes: Academia Politécnica, Escola Médico-Cirúrgica, Academia Real da Marinha e Comércio e Real Escola de Cirurgia.

Na Academia Real da Marinha e Comércio do Porto, criada pelo alvará de 9 de Fevereiro de 1903, ministrava-se o ensino de matemática, navegação, comércio, desenho, línguas inglesa e francesa, filosofia racional e moral e ainda uma disciplina de agricultura. As duas últimas foram acrescentadas pelo alvará de 29 de Julho que estabelece os estatutos da Academia.

Com a reforma de Passos Manuel, ministro do reino no Governo saído da revolução de Setembro, foram criadas a Academia Politécnica e a Escola Médico-Cirúrgica pelos decretos respectivamente de 13 de Janeiro de 1837 e 29 de Dezembro de 1836.

A Academia Politécnica tinha como fim principal o ensino das ciências industriais e formava engenheiros de todas as classes, além de outras especialidades profissionais como oficiais de marinha, pilotos, comerciantes, agricultores, directores de fábricas e artistas. A Academia Politécnica resulta da transformação da Academia de Marinha e Comércio cujas disposições estatutárias adopta. Contudo, o governo económico e literário da Academia, até ali sob a inspecção da Junta da

Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, passa agora para o Conselho dos Lentes. A Academia Politécnica do Porto conheceu, não obstante as grandes dificuldades financeiras por que passou, uma época de apogeu científico, com cientistas eminentes como Gomes Teixeira e Ferreira da Silva.

A Escola Médico-Cirúrgica passou a ter, pela portaria de 16 Janeiro de 1837, um novo plano geral de estudos, que, além de alargar o número de cadeiras, as dividia em cadeiras médicas e cadeiras cirúrgicas. Tinha anexa uma Escola de Farmácia que compreendia cursos teóricos e cursos práticos. A Escola Médica conheceu também mestres de grande nomeada como Roberto Frias, Aires de Gouveia, Eduardo Pimenta, etc.

Com a implantação da República em 5 de Outubro de 1910 sobrevieram notáveis modificações no campo do ensino. Foram criadas duas universidades, a de Lisboa e a do Porto. Pelo decreto de 19 de Abril de 1911, a do Porto ficou assim constituída: uma Faculdade de Ciências Matemáticas, Físico-Químicas e Histórico-Naturais – Faculdade Ciências; uma Faculdade de Medicina e uma Escola de Farmácia e ainda uma Faculdade de Comércio. Esta última, porém, nunca chegou a concretizar-se. Anexa à Faculdade de Ciências foi criada uma Escola de Engenharia. A Universidade foi inaugurada a 16 de Julho de 1911 e, nesse mesmo dia, foi eleito o primeiro Reitor, o matemático Gomes Teixeira.

A partir de agora é confiado à Universidade o seu próprio governo económico e científico. Também a autonomia do ensino é reconhecida. O governo da Universidade pertence aos corpos Académicos: Senado, Assembleia geral dos Professores, Conselhos das Faculdades e Escolas e aos seus Delegados efectivos – Director e Reitor.

Com o tempo, as Escolas anexas foram adquirindo a sua autonomia. A Escola de Engenharia transforma-se em Faculdade Técnica em 1915 e assume a designação de Faculdade de Engenharia em 1926. A Escola de Farmácia obtém o estatuto de Faculdade em 1921.

Em 1919 foi criada no Porto uma Faculdade de Letras pelo Ministro Leonardo Coimbra. Teve vida efémera. Por razões de ordem financeira foi suprimida em 1928. O decreto de 17 de Agosto de 1961 cria no Porto uma nova Faculdade de Letras. Entretanto em 1953 fora criada uma Faculdade de Economia que tinha como objectivo o ensino e a cultura das ciências económicas.

A Universidade do Porto conheceu uma grande expansão com a revolução de Abril de 1974. Às seis Faculdades existentes foram acrescentadas mais as seguintes: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Faculdade Ciências do Desporto e de Educação Física, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Faculdade de Arquitectura, Faculdade de Medicina Dentária, Curso de Nutricionismo, Faculdade de Belas Artes, Instituto de Ciências Agrárias de Vairão e Faculdade de Direito. Assim, a Universidade do Porto, cujas raízes se situam na velha Escola de Náutica fundada em 1762, conta hoje com 15 Escolas Superiores.

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

O edifício agora inaugurado é a primeira sede permanente da Faculdade de Letras do Porto, que o ministro Leonardo de Coimbra fundou em 1919 e corporiza um sonho muitas vezes adiado. Com cursos de ciências filosóficas e históricas, de geografia, de filologias clássicas, românicas e germânicas, essa escola foi servida por uma plêiade de professores e frequentada por estudantes que se distinguiram profissionalmente. Assim o provam as obras do filósofo Leonardo de Coimbra, director aquando da instalação da Faculdade, de Newton de Macedo, Damião Peres, Aarão de Lacerda, Francisco Torrinha, Hernâni Cidade, Teixeira Rego, Luís Cardim ou então de antigos alunos com o gabarito de Delfim Santos, Salgado Júnior, Torquato Soares, Agostinho da Silva, entre outros. Extinta pela ditadura, a Faculdade funcionou até 1931. Nas universidades do Brasil leccionaram Canuto Soares, Agostinho da Silva, Casais Monteiro. Alguns ficarão nas universidades de Lisboa e Coimbra.

A sua restauração aconteceu em 1961, em resposta a prementes exigências sociais. De início, funcionaram História, Filosofia e Ciências Pedagógicas, a que se juntaram depois, sob pressão da Universidade e da comunidade, Filologia Românica (1968), Filologia Germânica (1972), Geografia (1972) e Sociologia (1985). Em 1978, as Filologias deram lugar a Línguas e Literaturas Modernas, com variantes; as variantes de História de Arte e Arqueologia surgem em 1980, em História. A Biblioteca Central possui cerca de 200 000 títulos. Da acção da Faculdade – com cerca de

4300 alunos, 260 professores (80 doutorados), 70 funcionários – fala um magistério intenso e o labor dos seus Centros, Institutos e Núcleos de Investigação, o que incentivou a criatividade, permitindo o doutoramento e a progressão por concurso dos respectivos docentes. No quadro actual predominam antigos alunos da escola, alguns professores recrutados depois de 1974, a par do remanescente do grupo fundador. Muitos dos seus alunos ensinam ou ocupam cargos de responsabilidade em diversos ramos da vida activa. A Faculdade possui as revistas de *História*, *Filosofia*, *Línguas e Literaturas*, *Geografia* e *Sociologia*. Existem ainda a *Revista de História*, as revistas *Portugália*, *Intercâmbio*, *Via Spiritus*, a par das publicações da Associação de Estudantes, elemento forte na dinamização das actividades académicas. Fazem parte das tarefas efectivas da Faculdade, a maior da Universidade do Porto, a publicação escrita dos seus docentes e das actas dos colóquios nela organizados, como ainda a realização de encontros científicos, mestrados, pós-graduações, de cursos para estrangeiros, somadas às intervenções de serviço à comunidade e de contactos regulares com instituições congéneres nacionais e de língua portuguesa, comunitárias e de variados países.

CURRICULUM VITAE
PROF.^A DOUTORA MARIA DE LOURDES BELCHIOR PONTES

Identificação

Nome: Maria de Lourdes Belchior Pontes

Data de Nascimento: 9 de Julho de 1923

Local de Nascimento: Lisboa

Cargo actual:

Directora do Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris desde Abril de 1989

Cargos passados:

Conselheiro Cultural na Embaixada de Portugal no Brasil (Rio de Janeiro), 1963-1966

Conselheiro para a Direcção do Instituto de Alta Cultura, 1966-1970

Presidente do Instituto de Alta Cultura, 1970-1973

Membro do Conselho Fundador da Universidade Nova de Lisboa, 1973-1975

Secretária de Estado da Cultura, Maio-Outubro 1974

Graus Académicos

Licenciatura em Literatura Portuguesa e Espanhola – Universidade de Lisboa, 1946

Doutorada em Cultura e Literatura Hispânica – Universidade de Lisboa, 1953

Leitora no Instituto Católico de Paris, 1950-1952

Professora Auxiliar na Faculdade de Letras de Lisboa, 1959-1969

Professora Associada na Faculdade de Letras de Lisboa, 1953-1959

Professora Catedrática na Faculdade de Letras do Porto, 1969-1970

Professora Catedrática na Faculdade de Letras de Lisboa desde 1970

Professora Associada na Sorbonne, Paris, 1976-1977

Professora Associada na Universidade de Santa Barbara, Califórnia, 1978-1979

Directora do Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris, Abril 1989

Graus e Títulos Honoríficos

Prémio Casa de Bragança para a obra *Frei António das Chagas*, 1953

Membro da Sociedade Hispânica na América, 1970

Prémio do Instituto de Alta Cultura, 1968-1970

Membro da Academia Latina, Paris, 1970

Membro da Academia das Ciências de Lisboa, 1975

Comendador da Ordem do Rio Branco (Brasil), 1967

Comendador da Ordem de Santiago da Espada (Portugal), 1971

Grão Oficial da Ordem de Instrução Pública (Portugal), 1973

Comendador da Ordem do Mérito (R.F.A.), 1973

Oficial da Legião de Honra (França), 1975

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

- Da Poesia de Frei Agostinho da Cruz – Tentativa de Análise Estilística [Dissertação dactilografada], Faculdade de Letras de Lisboa, 1946.
- Bibliografia de António Fonseca Soares “Frei António das Chagas”, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1950.
- «Estilística e ciência da Literatura: a propósito do recente livro do Prof. Dâmaso Alonso, *Poesía Española – Ensayo de métodos y límites estilísticos*», Revista da Faculdade de Letras (Lisboa), 2.^a série, t. XVII, 1951, 112-127.
- «H. Hatzfeld, *Two types of mystical poetry illustrated by St. Theresa and St. John of the Cross “vivo sin vivir en mi”*», Revista Portuguesa de Filologia (Coimbra), vol. IV, t. II, 1951, 450-456.
- Frei António das Chagas – Um Homem e um Estilo do Século XVII, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1953.
- «J. Ares Montes, *Góngora y la poesía portuguesa del siglo XVII*», Boletim de Filologia, vol. XVI, 1956/57, 151-156.
- «7 parágrafos sobre crítica literária», Rumo (Lisboa), n.º 1, Março de 1957, 89-92.
- José Maria Valverde, *História da Literatura Espanhola*, Tradução, Lisboa, Estúdios Cor, 1957.
- «Bibliografia do Prof. Hernâni Cidade», Revista da Faculdade de Letras, 3.^a série, vol. 1, 1957, XXI-XXXV; Miscelânea de Estudos em Honra do

Prof. Hernâni Cidade, Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1957, XXI-XXXV.

Itinerário Poético de Rodrigues Lobo, Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1959. Reedição fac-similada, com novo prefácio, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

«A oratória sacra em Portugal no século XVII, segundo o manuscrito 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa», Arquivo de Bibliografia Portuguesa (Coimbra), n.º 23-24, Julho-Dezembro de 1960, 107/113.

«The Literary Baroque in the Iberian Peninsula», *Literary Criticism*, New York University Press, 1965.

«Estruturalismo – Um Anti-Humanismo?», *Brotéria*, vol. LXXXVI, n.º 4, Abril de 1968, 489-499.

«Crítica Literária e Estruturalismo», *Id.*, n.º 6, Junho de 1968, 790-805.

Os Homens e os Livros – Séculos XVI e XVII, Lisboa, Editorial Verbo, 1971.

«A literatura e a cultura portuguesa na viragem do século XIX para o século XX». *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Série Filologia*, vol I, 1973, 11-30. [A separata: 1974].

Os Homens e os Livros II – Séculos XIX e XX, Lisboa, Editorial Verbo, 1980.

«Problemática religiosa na poesia de Jorge de Sena», *Quaderni Portoghesi* (Pisa), n.º 13-14, Primavera-Autumno, 1983 [1985], 53-75.

«Problemática religiosa na lírica de Camões», *Revista da Faculdade de Letras*, Dezembro de 1983, 85-99. Cf. M.^a de L. B. e Enrique Martínez-Lopez (ed.), *Camoniana Californiana [Comemorating the Quadricentennial of the Death of Luís Vaz de Camões]*, Santa Barbara/Lisboa: USCB Jorge de Sena Center/ICALP, 1985, 40-55.

Gramática do Mundo, Lisboa, IN-CM, 1985.

**DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA*
DA PROF.^A DOUTORA MARIA DE LOURDES BELCHIOR PONTES**

Padrinho: Doutor David Mourão Ferreira

Processamento da Cerimónia

1. O Secretário faz a vénia ao Reitor e convida o agrupamento instrumental para que execute o Minuet II – G. H. Haendel.
2. O Secretário lê o diploma de doutoramento.
3. Convida o Prof. Doutor António Ferreira de Brito a usar da palavra (elogio da Doutoranda).
4. Convida o Prof. Doutor Arnaldo Saraiva a usar da palavra (elogio do Padrinho).
5. Terminado o elogio da Doutoranda e do Padrinho, o Secretário pede autorização ao Reitor e convida a Doutoranda e o Padrinho a aproximarem-se da mesa, ficando em frente do Reitor.
6. A Doutoranda, o Secretário à esquerda e o Padrinho à direita fazem vénia ao Reitor.
7. Este levanta-se e, dirigindo-se à Doutoranda, pergunta-lhe: Quid petis?
A Doutoranda responde:
Gradum doctoratus in praeclara Artium Facultate.

8. O Reitor pronuncia, em seguida, as seguintes palavras:
Ego, Albertus Emmanuel Sampaio de Castro Amaral, hujus Almae Portucalensis Academiae Rector, creo te Doctorem praeclarae Artium Facultatis, in nomine et auctoritate ejusdem Academiae. Et committo clarissimo domino Doctori Mourão Ferreira, Patrono tuo, ut te insigniis doctoralibus decoret.
9. A nova Doutora, acompanhada do Padrinho e do Secretário, aproxima-se do Presidente do Conselho Directivo da Faculdade, que, saindo do seu lugar, vem junto da Doutora, explica o significado da borla, do anel e do livro, coloca-lhe o anel no dedo próprio da mão esquerda, faz-lhe a entrega do livro e em seguida abraça a nova Doutora.
10. O Padrinho regressa ao seu lugar neste momento.
11. Seguidamente, a nova Doutora, acompanhada pelo Presidente do Conselho Directivo e pelo Secretário, dirige-se às doutorais e faz vénia de agradecimento aos Doutores das Faculdades.
12. Terminada esta saudação, o Presidente do Conselho Directivo regressa ao seu lugar, e o Secretário conduz a Doutora à cadeira que lhe havia ficado desde o início, nas doutorais.
13. Seguidamente, o Secretário convida o agrupamento instrumental a executar *La Bourée* – Michael Praetorius.
14. Passados breves instantes, o Secretário acompanha a nova Doutora ao lugar onde vai pronunciar o discurso de agradecimento.
15. Concluído o discurso, o Secretário acompanha novamente a Doutora à sua cadeira.
16. Em seguida, o Secretário, fazendo vénia ao Reitor, convida o agrupamento instrumental a tocar *La Réjouissance* – G. F. Haendel.

Nota: O agrupamento musical, presente na sessão solene de hoje, é o Grupo de Metais do Porto, dirigido pelo Prof. Fernando Baptista.

**ELOGIO DA PROF.^A DOUTORA MARIA DE LOURDES
BELCHIOR PONTES
PELO PROF. DOUTOR ANTÓNIO FERREIRA DE BRITO**

Magnífico Reitor da Universidade do Porto

Fugaz, fugaz mas duradoira foi a passagem da Senhora Dona Maria de Lourdes Belchior pela Faculdade de Letras do Porto. Professores e Alunos de 69, nós não encontrávamos para ela nenhuma outra forma de tratamento académico. Eram a sua figura ímpar e a sua personalidade forte de Mulher, muito mais que o seu muito saber, que naturalmente no-la impunham... Vinha Catedrática e vinha de Lisboa, mas não era seguramente essa brilhante aura curricular que nos seduzia. Seduziam-nos a sua pedagogia de invulgar respeito pelos Alunos, o seu bondoso e bem-humorado espírito de compreensão e tolerância para com as pessoas, as situações e as ideias. Era uma Senhora e a primeira senhora catedrática da Faculdade de Letras do Porto, abrangendo nesse cômputo os 9 anos durante os quais ela existiu criada e liderada por Leonardo Coimbra, entre 1919 e 1928, na Quinta Amarela, num espaço escondido e emprestado. Fora, no dizer de alguns, a «capelinha de Leonardo», que no preâmbulo do decreto de 10 de Maio de 1919 afrontara Coimbra ao considerar, sem dúvida com injustiça, que o seu corpo docente vivia “insulado” no seu trabalho especulativo, literário e científico. A sua polémica criação e o seu discreto desaparecimento não fizeram esquecer aos que a ressuscitaram em 1961 e a alargaram em 1969 os nomes e a obra na área de Filologia, em que nela se afirmaram, pela sua docência ou investigação, Hernâni Cidade, António Salgado Júnior e Agostinho da Silva. Se a política actua por impulsos descontínuos, a mão correctora da História vem emendar lapsos, eliminar hiatos, refrescar memórias e concatenar elos.

Ora, quando a Senhora D. Maria de Lourdes chegou à Faculdade de Letras do Porto, nela estavam já radicadas no terreno prestigiadas figuras universitárias na área da História como António Cruz e José António Ferreira de Almeida e, na de Filosofia, Eduardo Abranches Soveral. A Senhora D. Maria de Lourdes viu, venceu e chegou... Venceu porque logo convenceu, porque demonstrava um entendimento superior do tempo e do espaço pedagógico em que se movia. A Faculdade de Letras, mais uma vez em espaço emprestado e em coabitação pacífica, estava situada no Largo da Escola Médica, entalada num insólito triângulo que tinha por vértice a Morgue e, por lados, o Hospital de Santo António e a caserna da Guarda Nacional Republicana. As aulas de Filologia Românica decorriam numa sala enorme, enorme, com cerca de centena e meia de Alunos, onde pontuava, como se de um púlpito nos falasse, a voz timbrada, segura e cativante da Senhora D. Maria de Lourdes. Ela e nós resistíamos então heroicamente ao concentrado olfactivo de estrugido acebolado dos caldeirões da GNR e de acres emanações mefíticas das estrebarias da mesma. Era por ali, durante todas as manhãs e algumas tardes, com breves fugas higiénicas ao suspeito Piolho, que nós respirávamos, nos inspirávamos e “conspirávamos”, já que os ventos começavam a soprar de maré, tirocinando, mais ou menos ludicamente, futuros e actuais líderes. A Senhora D. Maria de Lourdes regeu então a Cadeira de Literatura Portuguesa I e deslumbrou-nos com a graciosa feminilidade da Lírica medieval e o másculo vigor da prosa vibrátil de Fernão Lopes. Não sendo a área da sua especialização, o trabalho por ela desenvolvido foi notável. Nós logo presentimos o que ela haveria de declarar numa entrevista, bastante mais tarde, já depois de ter experimentado lugares e cargos de índole bem diversa: «*Gosto apaixonadamente do meu ofício de professor.*» E a verdade é que ela nos transmitiu esse gosto e essa paixão.

Um ano volvido, a Senhora D. Maria de Lourdes regressou à Faculdade de Letras de Lisboa, deixando-nos em aparente estado de orfandade. Nós tivéramos a exacta percepção de que a sua benéfica presença seria precária. O magnetismo da capital impunha as suas

regras, porque voos altaneiros lhe estavam reservados. Compreendemos, com mágoa, mas sem ressentimento. Só que a Senhora D. Maria de Lourdes não levou nem conseguiria mais levar, nem que quisesse, o muito que nos dera em tão pouco e haveria de ficar como património, ainda hoje bem visível, desta Faculdade. Numa escolha de longo alcance, ela trouxera consigo de Lisboa como docentes dois dos seus melhores alunos, com perfis distintos e complementares, tentando criar na jovem secção de Filologia Românica um equilíbrio entre a tradição e a inovação e assegurar o sentido da justa medida nas horas de crise que se adivinhava nos ares. Nos seus primeiros Alunos ela despertou um caloroso interesse pela “coisa literária” enquanto visão de mundo e energia psíquica transformadora e alguns deles, por estímulo inicial da sua parte, vêm-se distinguindo em Universidades e outras Escolas do país, no ensino superior como no secundário, ou noutras posições de destaque da vida pública.

Ao ir-se daqui, a Senhora D. Maria de Lourdes nunca cortou as amarras que a prendiam a esta Faculdade. Pouco a pouco, fomos descobrindo a matizada riqueza da sua personalidade, a profundidade do seu humanismo (assumida e vivencialmente cristão), a sua cordialidade, a sua convivialidade e o seu muito, muito saber, que em todas as circunstâncias relativizava, numa maiêutica de humildade e grandeza moral raras na época. Sempre atenta e atenciosa, ela continuava de Lisboa a apoiar-nos afectiva e efectivamente. A sua presença é bem visível no primeiro número da *Revista da Faculdade de Letras*, Série de Filologia Românica, em 1973. Era o primeiro conjunto de ensaios e recensões críticas que os jovens docentes deste Curso davam à estampa, como resultado de uma investigação desde logo multifacetada. Serve-lhe de vestíbulo protector um excelente ensaio assinado por Maria de Lourdes Belchior, intitulado: “A Literatura e a Cultura Portuguesa na Viragem do Séc. XIX para o Séc. XX”, que veio a representar no seu *curriculum* a primeira grande inflexão epocal da sua investigação. Sem se desligar dos velhos alfarrábios seicentistas e da preocupação dominante da sua investigação no campo da espiritualidade, ela atrevera-se

a um vasto estudo de síntese na decifração dos sinais literários do escolástico Fim-de-Século e dos corrosivos Modernismos que se anunciavam contraditoriamente irracionalistas e desmitificadores. Integram ainda esse número três ensaios, um do Prof. António Cruz, “Honesto Estudo”, em vertente de historiografia camonianiana, um de Arnaldo Saraiva, “A Crítica Literária e a Crítica Literária em Portugal”, nervoso de actualidade e mordaz de intenção, e outro de José Adriano de Carvalho, “Pauperismo e sensibilidade social em Espanha nos fins do séc. XVI”, denso de erudição, semeado de escrupulosas interrogações de rigor científico, relacionando crise social com crise espiritual. Dir-se-ia que José Adriano de Carvalho começaria a percorrer os caminhos da espiritualidade e da mentalidade barroca que Maria de Lourdes Belchior parecia querer abandonar, sem, todavia, nunca os ter perdido de vista. O actual e exemplar Centro de Espiritualidade da Universidade do Porto por ele dirigido tem marcas indeléveis do magistério de Maria de Lourdes Belchior. Por sua vez, uma recensão crítica de Mário Vilela sobre *A Gramática Simbólica do Português*, de Óscar Lopes, naquele número de 1973, era, em certa medida, premonitória de uma viragem nos tempos, métodos e processos. Entretanto, a Universidade de Coimbra, já esquecida da afronta que o Porto lhe fizera em 1919, cruzou-se neste espaço nortenho com a de Lisboa pela chegada de alguns dos seus mais jovens e brilhantes licenciados: Ana Paula Quintela, Mário Vilela, Fernanda Irene Fonseca, Joaquim Fonseca e Jorge Alves Osório. Viriam depois de outras proveniências alguns contributos de qualidade: Óscar Lopes e José Augusto Seabra. E o Curso de Filologia Românica, embora infante, foi criando os seus quadros, seguindo doravante autónomo a sua própria via, seleccionando alguns dos seus discentes mais distintos para assim ir fazendo escola. Ao cabo de todo este ciclo, de que vimos festejando as bodas de prata, o balanço do trabalho produzido é compensador. A Senhora D. Maria de Lourdes, sem complexos de fundadora, sempre nos apoiou, nomeadamente na direcção de teses, e nunca estorvou toda esta simbiose de agentes, métodos e estilos. Razões de sobejo para lhe estarmos imensamente gratos.

Fixemo-nos agora, ainda que de passagem, no seu *curriculum* científico. Maria de Lourdes Belchior Pontes é um caso raro de energia intelectual no contexto universitário português. Fazendo parte de um grupo de Mestres excepcionais como Rodrigues Lapa, Hernâni Cidade, Vitorino Nemésio, Jacinto do Prado Coelho, Lindley Cintra, Herculano de Carvalho; admiradora de Curtius, Leo Spitzer, Dâmaso e Amado Alonso, Eugenio Asensio, e outros, ela definiu muito cedo o seu campo de investigação na área da espiritualidade barroca e da Estilística, procurando reabilitar épocas, matérias, ideias literárias e culturais esquecidas ou depreciadas por algum resto de velho jacobinismo redutor. A sua busca da “literatura a lo divino”, na expressão consagrada de Dâmaso Alonso, iniciada com a sua tese de licenciatura em 1946, *Da poesia de Frei Agostinho da Cruz – Tentativa de Análise Estilística*, não mais seria interrompida. Nela iniciou também um método de análise estilística, rompendo com a prática institucionalizada do biografismo, do positivismo e do impressionismo crítico que faziam das Histórias das Literaturas verdadeiras necrópoles de nomes, títulos e datas ou mero registo emotivo, judicativo e taxinómico. A obra *Frei António das Chagas – Um homem e um estilo do Séc. XVII*, em 1953, é um autêntico paradigma de investigação da mentalidade seiscentista e da reabilitação ideológica do Barroco mediante uma análise profunda de um caso espectacular de metamorfose do profano em sagrado: a do poeta valdevinos e freirático Capitão Bonina no apocalíptico orador sacro Frei António das Chagas. Outro estudo de grande merecimento é o seu *Itinerário Poético de Rodrigues Lobo*, de 1959, que constitui um verdadeiro marco na crítica literária portuguesa, em que ela combina a metodologia imanentista de Leo Spitzer com o processo de abordagem do fenómeno literário de Charles du Bos, que nos seus 7 volumes de *Approximations* se considerava como um hermeneuta do invisível, fazendo da crítica anábase e privilegiando a intuição, bem patente no seu livro póstumo *Du spirituel dans l'ordre littéraire*. No primeiro volume do seu livro *Homens e Livros – séculos XVI e XVII*, em 1971, Maria de Lourdes Belchior agrupa uma série de estudos que integram e completam a fase da sua investigação no domínio do Barroco.

A partir de então, ela aproximar-se-á da contemporaneidade, para melhor intervir na história cultural e literária do seu tempo. Sem nenhum tipo de saudosismo paralizante, dá-se conta da grande aventura que a crítica não universitária e mesmo universitária estava a percorrer, rompendo com os métodos tradicionais de abordagem do fenómeno literário. Pressentindo os tropismos que induziam à secundarização ou mesmo à supressão do sujeito, que o mesmo é dizer encaminhando-se para uma desumanização de consequências imprevisíveis, Maria de Lourdes Belchior lança à navegação este contido aviso cautelar: «Só não acredito que tudo se resolva através de estruturas, da reconstituição de processos de criação, de estatística de vocabulário». E, no prefácio do II volume, Séculos XIX e XX, em 1980, enfocando sempre a escrita enquanto investimento de energia moral e espaço de eleição do exercício das faculdades superiores do espírito, Maria de Lourdes Belchior, face a algumas incursões de estruturalismos mal assimilados, alerta para o *novo-riquismo* de uma terminologia em que a árvore impede de ver a floresta e, com uma ponta de ironia, de quem não quer converter em eterno o que pode ser efêmero, transcreve com malícia o caústico poema de Drumond de Andrade, que fulmina com um exorcismo poético os corifeus das novas 'silvas' barrocas, mais herméticas do que as de Gôngora... Os seus "Sete parágrafos sobre crítica literária" representam uma reflexão muito séria já não sobre os limites da Estilística, mas da ciência literária em si mesma, tendo como caixa de ressonância *La Science de la Littérature*, 1926-1938, de Dragomirescu, e a *Introduction à la Science de la Littérature*, 1950, de Guy Michaud, deixando transparecer algum cepticismo sobre a viabilidade da Literatura como ciência. Sempre irrequieta no seu espírito, seguindo na pegada de Jean-Marie Domenach e da revista *Esprit*, ela questiona de novo, com inegável sentido de oportunidade e de moderação, o Estruturalismo ao nível antropológico, filosófico, linguístico e literário, enquanto teoria de conhecimento e método de análise, assinalando alguns dos seus desvarios e algumas das suas realizações mais conseguidas. E, numa opção cada vez mais decidida pela literatura e pela crítica contemporâneas, querendo intervir na gestão cultural

in fieri, Maria de Lourdes Belchior inclui no referido livro curtos mas judiciosos ensaios sobre o Modernismo, sobre a Geração de 40, sobre a literatura “desenvolta” dos anos de 45 a 60, onde perpassam todos os vultos mais destacados da novelística, da poesia e da dramaturgia do seu tempo, entre os quais o de David Mourão-Ferreira, em cuja obra ela destaca, cito, «o erotismo e requinte verbal, saber de ofício, desengano e ironia», vendo na sua obra semelhanças com Vinicius de Moraes, sobre quem, aliás, acrescenta ela, «escreveu um equilibrado e lúcido ensaio». Vinha já de bem longe esta sua particular admiração pelo novelista, poeta e professor David Mourão-Ferreira, sobre o qual escrevera no n.º 2 do *Graal*, em 1956, a propósito de *Tempestade de Verão*. Todavia, elucidativa, muito mais elucidativa do que esta sumária e selectiva evocação de alguns dos seus principais estudos, será a consulta do seu *curriculum* científico impresso nos dois volumes de homenagem que lhe foram dedicados pela *Românica*, revista da Faculdade de Letras de Lisboa, n. 1, 1992-1993, aquando da sua jubilação, e em *O Amor das Letras e das Gentes in honor of Maria de Lourdes Belchior Pontes* pelo Centro de Estudos Portugueses da Universidade da Califórnia, em 1995, com 209 entradas bibliográficas, que abarcam os mais diversos géneros, espécies, épocas, obras e autores, estando subjacente a todos eles, por diversas vias e com distintas vozes, uma confessada busca de um humanismo palpitante com fundas raízes no sagrado. Os testemunhos reunidos nesses dois volumes, assinados por nomes de prestigiados intelectuais, dizem sobre a sua pessoa e a sua obra tudo aquilo que não cabe na estreita paginação protocolar deste acto académico. O nome de todos nós só não consta da *tabula gratulatoria* deste volume por mera inadvertência, de que a oceânica distância de Santa Bárbara talvez nos escuse.

E, se das obras especificamente literárias passarmos aos cargos universitários e diplomáticos que desempenhou com dedicação e discrição, surpreende-nos o seu inesgotável dinamismo. Relembremos tão-somente alguns: Conselheiro Cultural no Brasil, Presidente do Instituto de Alta Cultura, Secretária de Estado da Cultura no ano

efervescente de 1974, em que de imediato se declarou inequivocamente hostil a todos os dirigismos... Um dos momentos culminantes da sua carreira foi a sua ida para Santa Bárbara onde leccionou entre 1978 e 1989, para substituir o grande mestre Jorge de Sena. Por tantos méritos assim acumulados, veio a ser nomeada Directora do Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris, foco privilegiado da irradiação da Cultura portuguesa no mundo, que mantém actualmente em toda a sua vitalidade. Na Europa como nas Américas, ela tem-se multiplicado, organizando ou participando em colóquios, fazendo conferências, escrevendo artigos, incentivando a lusofonia e suscitando a lusofilia.

Relegámos intencionalmente para a conclusão uma breve referência à sua poesia, que constitui talvez a faceta menos conhecida da sua obra. Do mundo da gramática em que sempre viveu, Maria de Lourdes Belchior, surpreendeu, quando em 1985, passou à *Gramática do Mundo*, que é o título do seu primeiro livro de poemas. Num deles, “Arte Poética”, ela pergunta:

«Luto com as palavras como quem luta
com fantasmas? Vêm e vão, prendo-as
e fixo-as ao papel. Domesticadas
ei-las carregadas de sentido e de mistério.
Uso-as, escolho as mais límpidas e lisas
para as trespassar de sonho e de verdade».

Assim funde a sua *démarche* crítica no seu investimento poético, vivido e recriado, na busca incessante da palavra do Mistério e do Mistério da Palavra, às vezes com títulos emprestados dos seus ensaios, numa opção gramatical marcada pelo barroco subliminal a todo o corpo catártico do texto, ao corpo físico “reinventado” e ao «corpo glorioso», consumação teológica e teleológica de ambos. Numa fina intersecção de tempos e de espaços que documentam as inovadoras expressões de “geometria pedestre” e “geometria celeste”, ela sente, como

Simone Weil, a angústia do conflito existencial, jogada entre «la pesanteur et la grâce». Tendo frequentado criticamente a poesia de Claudel, Maria de Lourdes Belchior sabia que na aridez metafísica de parte substancial da produção poética do Modernismo e Pósmodernismo, Pierre Emmanuel, Jean Grosjean e, nos tempos mais próximos, Jean-Claude Renard e Pierre Oster, retomaram o facho espiritualista do autor de *L'Annonce faite à Marie*, e os dois últimos são neste momento vozes empolgantes ainda vivas na poesia da celebração cristã da vida e do mundo. Três anos mais tarde, Maria de Lourdes Belchior publicou *Cancioneiro para Nossa Senhora. Poemas para uma Via-Sacra*. O texto de abertura confirma o seu processo preferido de conglomerado meta-poético evocando Cristovam de Pavia e estabelecendo assim um nexu com os poetas de cunho contemplativo. O poema torna-se agora sereno. O *stress* transforma-se em prece. São poemas indispensáveis numa História da espiritualidade mariana deste século.

Magnífico Reitor

Por proposta do Conselho Científico desta Faculdade e por aprovação do Senado, fizemos regressar a Senhora D. Maria de Lourdes, a de 69 / 70, ao nosso espaço pedagógico universitário, desta vez *próprio*. E não precisaremos de grandes desvarios de imaginação para a integrarmos num *décor* barroco – o que melhor se ajustaria às circunstâncias. Esta cidadela neobarroca facilita a encenação. A toponímia que nos rodeia, essa então cria o cenário perfeito para um Doutoramento *Honoris causa* a conceder a uma grande especialista do Barroco hispânico. Estamos para todos os efeitos, por capricho do destino ou inusitada unção do PDM, sitiados entre a rua do Gólgota e o Monte da Pena... Que este esplêndido simbolismo toponímico envolvente nos compense da exiguidade deste Salão que só é nobre pela qualidade das pessoas que o ocupam! Muitos outros Colegas e Alunos gostariam de ter podido associar-se em simpatia a este acto académico para homenagear a Senhora D. Maria de Lourdes. Falta-nos espaço, a auto-estrada

encurrala-nos, polui-nos e aturde-nos. Só nos resta uma poética esperança: a de termos ali ao lado, abertura ao onírico, a Travessa da Boa Viagem...

Magnífico Reitor

O grau de Doutor *Honoris causa* que pedimos para esta figura emblemática de Professora e de Mulher não será mais um grau a acrescentar ao vasto rol dos seus títulos, distinções e condecorações. Ele simbolizará o muito afecto e a muita gratidão desta Faculdade. Será, pois, para nós uma subida honra que a Universidade do Porto lhe conceda o grau que acabamos de solicitar e de justificar e que a Senhora Professora D. Maria de Lourdes Belchior Pontes a aceite como amistosa reintegração numa Escola que tem para com ela uma grande dívida e que ela nunca deixou de sentir como sua.

Ferreira de Brito

ELOGIO DO PROF. DOUTOR DAVID MOURÃO-FERREIRA
PELO PROF. DOUTOR ARNALDO SARAIVA

Senhor Reitor da Universidade do Porto
Senhor Presidente do Conselho Directivo da FLUP
Autoridades académicas, civis e religiosas
Senhoras e senhores professores, estudantes, funcionários
Senhoras e senhores

Com o final do acto agora em curso encerraremos as celebrações, que quisemos discretas, dos 25 anos de existência dos estudos de Filologia Românica, ou de Línguas e Literaturas, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

E encerramo-las, parece-nos, da melhor maneira; será até caso para dizer: com muita honra – para a nova Doutora a novo título, e também para a instituição que lho atribuiu. A honra, diz-nos a moderna antropologia, é um valor fundamental mas não unívoco, já que o seu sentido pode flutuar com os tempos e com as sociedades; no entanto, o nosso conceito de honra apela obrigatoriamente para os ideais de justiça e de progresso e para a ética da inteireza ou da nobreza de espírito e de carácter.

Ninguém negará tais qualidades à Professora Doutora Maria de Lourdes Belchior, que o sábio Orlando Ribeiro até achou parecida com um anjo de Estrasburgo. Percebo pouco de anjos, mas tenho a certeza que esse não é um “anjo torto” como o de Drummond, antes será como os que Rilke viu não em Estrasburgo mas em Reims e em Chartres, “figuras sensíveis”, tutelares e serenas ou seráficas mesmo que sejam

também figuras enigmáticas, na medida em que sabem transitar entre a terra e o céu, entre o visível e o invisível.

Mas investindo Maria de Lourdes Belchior como Doutora a título de honra, a Universidade do Porto não presta só uma homenagem individual à que foi fundadora de um seu Departamento; lembrando de algum modo o tempo e o modelo fortes das origens deste, a Universidade do Porto está a zelar pela coesão da sua comunidade, a reforçar a sua identidade, a favorecer a sua melhor continuidade.

Também por este lado nos é grato ver David Mourão-Ferreira associado a este acto, como padrinho da Doutoranda. Além do mais, trata-se de um amigo de longa data de Maria de Lourdes Belchior, que encontrou em 1945, quando entrou para a Faculdade de Letras de Lisboa que ela já frequentava; mas trata-se igualmente de um seu antigo colega que em 1957 passou a integrar a fabulosa equipa de docentes – uma verdadeira selecção – a que ela já pertencia desde 1947, e de cuja acção nas últimas décadas não terá havido em Portugal professor ou aluno de letras, e não só, que não tenha beneficiado, directa ou indirectamente. Dessa equipa faziam parte, além deles, Vitorino Nemésio, Jacinto do Prado Coelho, Luís Filipe Lindley Cintra, Manuel Antunes, Pina Martins e outros, aos quais ainda poderíamos associar docentes de outras áreas como Delfim Santos, Orlando Ribeiro e Jorge Dias.

* * *

David Mourão-Ferreira concluiu a sua licenciatura em 1951, com uma tese, que nunca quis publicar, sobre Sá de Miranda, que nunca deixaria de o fascinar. O privilégio que então concede a um clássico – em contraste com o que fizera o seu já então admirado e amigo Régio, que cerca de 25 anos antes defendera em Coimbra uma tese sobre *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa* (publicada em 1941 com o título *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*) – não deixa de ser significativo e coerente com a sua posterior produção teórica e não-teórica, a começar pelo seu primeiro texto

relevante, publicado em 15 de Janeiro de 1950 na revista *Távola Redonda*, de que foi co-fundador e co-director. Nesse texto, intitulado “Lirismo ou haverá outro caminho?”, ele defendia a estética do “equilíbrio”, da “proporção”, e da “correspondência harmoniosa” – “entre os motivos e a técnica, entre os temas e as forma” –, o que implicava necessariamente a aliança entre o antigo e o moderno, e a conjugação da tradição com o talento individual, preconizada por quem seria, ao lado de Valéry, seu mestre indiscutível, T. S. Eliot.

Na realidade, o jovem ensaísta debruçado sobre um escritor do séc. XVI (embora se tratasse de um escritor que, no seu regresso de Itália, deve ter passado por “moderno” e que, como os clássicos definidos por Italo Calvino, pode ser considerado como um escritor que não acabou de dizer o que tem a dizer, ou cuja releitura é uma descoberta igual à da primeira leitura), esse jovem ensaísta era já então a “coqueluche” – passe o termo, que nessa altura gostava de usar a afrancesada sociedade que hoje se angliamericanizou – da nova literatura portuguesa, e uma espécie de consciência crítica da sua geração literária, a dos que se estreamam ou ganharam visibilidade pelo início dos anos 50. Dessa geração faziam parte alguns nascidos no ano de 1927 em que ele próprio nascera – Graça Pina de Morais, Luísa Dacosta, José Fernandes Fafe, Vítor Matos e Sá –, bem como alguns nascidos um pouco antes – António Manuel Couto Viana, Urbano Tavares Rodrigues, Sebastião da Gama, António Ramos Rosa, Egito Gonçalves, José Cardoso Pires, Augusto Abelaira, Luís Sttau-Monteiro, Luís Pacheco, Fernanda Botelho –, ou nascidos um pouco depois – Alberto de Lacerda, José Terra, Fernando Echevarría, Alfredo Margarido, António Maria Lisboa.

Por este pequeno inventário intuimos como tal geração, se geração se lhe pode chamar, se repartia por diversas tendências estéticas e ideológicas, sem que se tornasse demasiado notória a hegemonia de umas sobre as outras; não evidenciando o gosto inovador e provocador que caracterizara o surrealismo dos anos 40 e que caracterizaria o experimentalismo dos anos 60, essa geração esforçava-se por conciliar

e administrar heranças sobretudo finisseculares e presencistas, e esmerava-se no trabalho oficinal ou no requinte formal que é bem notório no próprio David Mourão-Ferreira, assim como em Couto Viana, em Fernando Echevarría e em Cardoso Pires; recusando como regra os maniqueísmos da década anterior, a que no entanto já tentavam escapar heterodoxos como Eduardo Lourenço, parecia descrever do empenhamento directo do neo-realismo, até mesmo quando o prolongava libertando-o de alguma ganga retórica ou emotiva, e parecia descrever também do poder da literatura voltada para causas colectivas – preferindo-lhe as causas individuais, que eram trabalhadas por algum pessimismo típico das doutrinas existencialistas então em voga e pelo mal-estar próprio de um pós-guerra sem democracia nem justiça social, que ainda não previa o tufão Humberto Delgado nem as saídas por vezes dramáticas, e até épicas, mas saídas, da emigração em massa, do exílio e da deserção. António Manuel Couto Viana traduziria esse mal-estar em versos célebres e emblemáticos de *Mancha Solar* (“A minha geração fugiu à guerra, / Por isso a paz que traz não tem sentido: / É feita de ignorância e de castigo, / Tão rígida e tão fria como a pedra”) e de *O Avestruz Lírico* (“Podem pedir-me, em vão, / Poemas sociais, / Amor de irmão p’ra irmão / E outras coisas mais”).

O seu companheiro, amigo e exegeta David Mourão-Ferreira, embora obcecado nos seus primeiros livros por secretas viagens eróticas e pelas epifanias dos corpos, que só lhe consentiam breves ironias sobre o “envenenado pão do dia-a-dia” (*Tempestade de Verão*) ou sobre a guerra e a vida militar (“Convite a que morresse... mas por quê? / Convite a que matasse... mas por quem?” -*ibid.*), não tinha essa má-consciência. Intelectual dialogante como não havia muitos nessa altura, homem bem educado em que muitos viam a imagem do *gentleman* ou do *dandy*, que gostava de vestir bem e gostava de variar os seus inseparáveis cachimbos, David Mourão-Ferreira não escondia como cidadão a sua hostilidade ao regime, nem se refugiaria na ambiguidade ou no envergonhado conformismo de muitos dos seus companheiros, dispondo-se então como mais tarde a correr riscos que chegou a pagar

caro: em 1958 foi impedido de viajar como bolseiro para o Brasil, só porque apoiara Humberto Delgado; em 1965 viu suspensa a sua colaboração na Emissora Nacional e na RDP, só porque protestara contra a extinção da Sociedade Portuguesa de Escritores; em 1966 teve por duas vezes de se apresentar em tribunal, só porque escrevera textos introdutórios à *Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* de Natália Correia e à *Filosofia na Alcova* do Marquês de Sade; em 1967 não pôde regressar à docência universitária porque a Pide lhe negou o parecer favorável; em 1974 volta ao tribunal para defender as autoras das *Novas Cartas Portuguesas*. Já depois do 25 de Abril demitir-se-ia em 1975 da direcção da Sociedade Portuguesa de Autores por não pactuar com medidas que considerava arbitrárias, como se demitiria da direcção do jornal *A Capital* por a sua Comissão de Trabalhadores ter posto reservas a um artigo de Natália Correia; e, pasme-se, em 1992 foi afastado do júri do Prémio Camões por ter criticado o Secretário de Estado da Cultura...

À conta da sua coragem e do seu inconformismo intelectual devem tomar-se também as polémicas que achou por bem travar: entre outras, e para não falar na que surdamente foi travando ao longo de décadas com Gaspar Simões, citem-se a de 1953, com Adolfo Casais Monteiro, a de 1963 com Mário Dionísio, a de 1964 com Luís Pacheco, e a dos anos 80 com João Palma-Ferreira.

O empenhamento cívico de David Mourão-Ferreira é também ele uma herança; o seu pai, a quem dedicou *Sob o Mesmo Tecto*, tal como dedicou a sua mãe *Os Ócios do Ofício*, o seu pai – que por sinal tinha o seu nome, como o seu bisavô, o seu filho e dois netos –, foi em 1927, às vésperas do nascimento do primogénito, demitido com António Sérgio do cargo que exercia na Biblioteca Nacional por ter participado numa abortada acção revolucionária; e um seu trisavô açoriano combateu ao lado dos liberais. A infância e adolescência do escritor são marcadas, graças ao seu pai, pela relação com conhecidas figuras democráticas e republicanas, entre as quais João Soares, em

cujo colégio estudou e fez, aos 15 anos, por sugestão do professor e crítico Álvaro Salema, uma conferência sobre Antero de Quental, ilustrada com poemas lidos não por Maria Barroso mas por Mário Soares. E foi num jornal do Colégio Moderno que fez então a sua estreia literária, saltando logo em 1945 para a *Seara Nova*, onde se revelou como poeta, no mesmo ano em que entrou para a Faculdade de Letras de Lisboa, onde eu iria encontrá-lo como professor em 1959.

Recordo a surpresa com que na primeira aula, de “Teoria da Literatura”, o vi dirigir-se a mim para me dizer: “Nós já nos conhecemos, não é verdade?” Não era bem verdade: eu é que já o conhecia por o ter visto na nascente televisão e sobretudo por o ler com a juvenil gula de um isolado provinciano no suplemento literário do *Diário Popular*, onde entre 1954 e 1957, ele publicava “crítica imediata” que ainda hoje releio com proveito em *Vinte Poetas Contemporâneos*, e que contrastava, em agudeza, informação e estilo, com a crítica que noutros jornais publicava o crítico oficial de então – João Gaspar Simões.

Mas recordo sobretudo o fascínio das suas aulas, até quando eu tentava reduzi-las a escrito, por ter sido encarregado, com um colega, de fazer a respectiva “sebenta”; dando-as como regra de pé, deslocando-se em vaivéns laterais no palco do grande anfiteatro, com uma dicção clara, pontuada por pausas de ponderação ou de “caprichos e exigências do cachimbo”, como se lê numa das suas *Duas Histórias de Lisboa*, elas traziam-me informações novas e reflexões surpreendentes que alargavam decididamente o meu horizonte literário, e que estimulavam, e de que maneira, o meu prazer da leitura e da literatura; e sabia que o mesmo se passava com outros colegas ou quase-colegas, como José Martins Garcia, a quem hoje se devem duas obras preciosas sobre o seu antigo professor, Gastão Cruz, Artur Anselmo e Eduardo Prado Coelho.

David Mourão-Ferreira não foi ou não tem sido só um professor exemplar, que aliás começou por ensinar no ensino secundário, e que nunca se entusiasmou com a chamada carreira académica; ele tem sido

também um intelectual militante, repartindo-se ou multiplicando-se por tarefas de evidente relevância: apresentações de livros ou de escritores, conferências, prefácios, antologias, participação em debates e júris nacionais e internacionais, direcção de edições de livros e discos, direcção de jornais e revistas (*A Capital*, *O Dia*, *Távola Redonda*, *Colóquio-Letras...*), autoria de programas de rádio e televisão, director do Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Gulbenkian, secretário da Sociedade Portuguesa de Autores, Secretário de Estado da Cultura em três governos...

Mas é sobretudo como escritor que, desde há cinquenta anos, David Mourão-Ferreira ocupa lugares centrais da cena cultural portuguesa, ele que por sinal passou em tenra idade pela cena do Teatro-Estúdio do Salitre, onde conviveu ou contracenou com Ruy de Carvalho, Rogério Paulo, Armando Cortez. Não é este certamente o momento oportuno para percorrer a sua obra vasta e diversificada. Porque haveria que longamente falar do tradutor atento à letra, ao ritmo e ao espírito de textos de outras línguas, que longamente se expõe, e brilha, nas difíceis transcodificações de *Imagens da Poesia Europeia*; do dramaturgo que em *O Irmão* actualiza (uma “belíssima casa” moderna, uma noite de Natal, um diálogo subtil e enigmático) os conflitos familiares, reais e imaginários, da tragédia de Orestes; do cronista de *Discurso Directo*, com o sthendaliano gosto da evocação de viagens pela amada Itália, ou com a barthesiana perspicácia no modo de enfrentar “factos ou mitos do quotidiano”, inclusive literário; do ficcionista de vários livros de contos e de *Um Amor Feliz*, que, pela voz desenvolva de um escultor-escritor, percorre lugares íntimos e públicos da moderna burguesia lisboeta e desmonta com felina ironia comportamentos típicos da classe política, diplomática, médica, artística, literária (ele próprio entra humoradamente como personagem do seu romance), ao mesmo tempo que vai inventariando os gozos e as pequenas tragédias das relações sentimentais em tempos pós-abrilistas; do poeta de *Tempestade de Verão*, de *A Arte de Amar*, de *Matura Idade*, celebrando os lugares ou modos eróticos, “negros e brancos”, como os qualificou Octávio Paz,

atento a todas as vibrações da “chama dupla”, sempre disponível para o combate a Thanatos e sempre em busca da variação nos ritmos, nas formas, nas metáforas, a que é tão sensível como à mudança das estações e dos dias; e, finalmente – last but not least – do crítico, ensaísta, e historiador literário de *Tópicos de Crítica e de História Literária*, ou de *Sob o Mesmo Tecto*, que sabe situar-se no interior dos textos sem pensar, como os modernos textualistas, que tudo se reduz ao texto, que preza a crítica estilística mas preconiza uma crítica poligonal, que prefere os grandes autores, obras e movimentos dos sécs. XIX e XX mas não despreza pequenos ou antigos autores, que até pode homenagear em títulos “plagiados” (*Hospital das Letras, Motim Literário*), que se interessa particularmente por obras de autores portugueses mas sempre se voltou para estrangeiros como Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Valéry Larbaud, Guillevic, M. Yourcenar, Alberto Savinio e outros, para já não falar de gregos e latinos, e que tendo começado por eleger como mestres Curtius, Spitzer, Dámaso Alonso, nunca deixou de se actualizar, desprezando embora as modas, e não escondendo fascínios relativamente recentes como o de Georges Steiner.

Numa obra tão vasta e tão diversificada, e também tão premiada, e tão reeditada (veja-se, por exemplo, o que se passou e passa com *Um Amor Feliz*), que aproxima David de alguns dos grandes escritores do séc. XX a que não por acaso se tem devotado especialmente – Pessoa, Sá-Carneiro, Almada, Régio, Nemésio –, e que também não por acaso suscitou o interesse especial de outro eclético que é Vasco Graça Moura, poderíamos apontar rapidamente algumas constantes:

– a grande destreza verbal e a solidez da construção textual (David transita facilmente entre textos breves e longos, entre metros ou versos simples e complexos, entre formas livres e fixas, praticando inclusive a sextina, e conhece como poucos o arsenal retórico e as modalidades narrativas, que até o levam à difícil narração na 2.^a pessoa (que aparece por exemplo no conto “Ao lado de Clara” de *Os Amantes e Outros Contos*);

– a atracção eufórica ou fatal de Lisboa, que comparece em inúmeros dos seus textos em prosa ou em poesia, e até na poesia hoje incluída em *À Guitarra e à Viola*, que Amália popularizou (Lisboa amada e odiada, luminosa e enigmática, gaiata e decapitada, metáfora evidente da vida que se lá vive e das pessoas que nela se movem);

– a sedução do eterno feminino, com tudo o que simbolicamente implica: a mulher – mãe, filha, amante, companheira, amiga –, mas também a mãe-terra, e a mesma Lisboa natal, assim como o próprio Natal (que, agnóstico, ele celebra regularmente de várias maneiras), e evidentemente a própria poesia, corpo verbal que se confunde com o verbo corporal;

– a visão cosmopolita mas fundamentalmente trabalhada pelas matrizes culturais europeias; não deixa de ser expressivo o facto de já em 1963 ele se ter dado conta de problemas a que só muito recentemente chegaram alguns políticos, que por isso não souberam prever situações tão dramáticas como as que viveram a Bósnia e algumas das antigas repúblicas soviéticas. Com efeito, há em *Discurso Directo* uma passagem que diz o seguinte:

“Tortuosos são os caminhos que levam da barbárie à civilização, da fúria fratricida ao ideal de fraternidade – e bem longe estamos ainda de o ter atingido. Todavia, no que respeita a esta parcela da «terra dos homens», a esta convulsionada zona do continente europeu, já vêm de longa data o apelo e o sonho da unidade. Mas o problema concreto continua a ser este, que logo se esboçara depois da morte de Carlos Magno: saber se é possível a conservação de um *regnum Europae* ou se, pelo contrário, teremos de eternamente nos resignar à existência de múltiplos *regna Europae*; saber, em suma, se a unidade será possível a despeito da natural diversidade (melhor: com o respeito pela natural diversidade) ou se não pode extirpar-se, do inconsciente europeu, um pertinaz fermento de desagregação.”

Também aqui deparamos com o domínio das heranças e dos legados, a que David é tão sensível. Um poema de *Os Quatro Cantos do Tempo*, “Xácara dos campos de Elvas”, evoca o trisavô e o avô do poeta (“alferes de Caçadores! / – sobretudo de mulheres”) e termina assim:

*É por teres sido, afinal,
água e sal de que nasci,
fonte próxima, sinal
do curso que nós seguimos...
Que nestes campos sem água,
eu sinto-me água de um rio,
– água que vem de meu pai,
que se prolonga em meu filho...*

A árvore de Jessé, a árvore de David, a árvore da vida que afinal é também da morte, que fantasmaticamente percorre toda a literatura dele. Foi certamente pensando na morte que escreveu o “Testamento” com que encerrava o II vol. da sua *Obra Poética* (1980) – deslocado na *Obra Poética* de 1988 para *Órfico Ofício* – e onde exprimia este desejo:

*Que fique só da minha vida
um monumento de palavras
Mas não de prata Nem de cinza
Antes de lava Antes de nada*

Percebe-se nestes versos o diálogo com o Horácio da Ode 3, que aludiu ao “monumentum aere perennis”, monumento mais perene do que o bronze. Como um moderno, para mais da era da incerteza, David não podia deixar de ironizar a horaciana arrogância. Mas o poema terminava assim:

*E lembro tudo o que era simples
antes do nada inevitável
Mas que do nada ao menos fique
um monumento de palavras*

Difícilmente se poderia exprimir com mais perfeição a mútua neutralização ou relativização do poder e do impoder da palavra, incluindo a literária.

Nas últimas décadas não falta quem ponha em causa o valor da literatura; não é o caso de David, que no entanto pode desvalorizar a instituição literária (“Da literatura”, in *Matura Idade*: “Tão literadoutos literadurinhos / Coitados de todos literadormindo”); e até há quem hegelianamente fale da “morte da literatura”. Mas a boa literatura está viva e bem viva, continua a ser fonte de vitalidade muitos anos ou séculos depois da morte dos seus produtores.

Meu caro David (perdoe que o trate como sempre quis que o tratasse): Gostaríamos, claro, de o ver aqui. Mas não precisa de fazer nenhum pedido idêntico ao que se lê em *Êsquilo*, citado num dos seus livros:

“Lembra-te de Orestes, por muito ausente que ele esteja”.

Não creio que haja o perigo de o seu nome e a sua obra serem devorados pela Grande Amnésia de que fala o seu poema *In Memoriam Memoriae*.

Você, meu caro David, está e estará sempre na memória ou na vida dos seus alunos, e talvez na dos alunos dos seus alunos, como está e estará na dos “netos dos seus netos” e na dos seus multiplicados leitores.

Assim acontece com as boas heranças, que tornam sempre presentes os ausentes.

Arnaldo Saraiva

**DISCURSO DE AGRADECIMENTO PRONUNCIADO PELA
PROF.^A DOUTORA MARIA DE LOURDES BELCHIOR PONTES**

Magnífico Reitor
Excelência Rev.^{ma} Sr. Arcebispo Bispo do Porto
Sr. Vice-governador Civil do Porto
Sr. Presidente do Tribunal da Relação do Porto
Sr. Presidente da Assembleia Municipal do Porto
Senhores Vice-Reitores
Sr. Presidente do Conselho Directivo
Autoridades civis e militares
Prezados colegas
Caros estudantes
Senhores convidados
Senhoras e senhores

Há seguramente, segundo as regras da Retórica, formulários para discursos de agradecimento, de acordo com situações “sui generis” como recepção de benesses, comemoração de aniversários deste ou daquele acontecimento, louvor de feitos de excepção, etc.

Confesso que ainda procurei modelo que adaptasse à circunstância presente. Recordei algumas das raras cerimónias de doutoramento honoris causa a que assisti ou em que participei: a de Mário Soares pela Sorbonne, a de Jacques Delors em Bolonha, a de Lucciana Stegagno Picchio de quem fiz o panegírico, em Lisboa.

Li conscienciosamente o discurso de agradecimento de Umberto Eco, em nome próprio e de outros recipiendários do grau de doutor honoris causa pela Sorbonne. Mas preferi deixar falar o coração e dei

largas à memória. Sem me submeter aos tópicos que exigem, ou pelo menos pressupõem que é obrigatória a declaração de que se é indigno da honra que se nos outorga, de se estar longe portanto de merecer tal distinção, etc. Pondo de parte essas regras da Retórica, prefiro que o coração confirme as razões que a razão conhece.

A Universidade do Porto recebeu-me como docente durante um ano lectivo: 1969-70. Mas não se resumiu à docência a minha ligação com a Universidade do Porto. Foi na Universidade do Porto que prestei provas de concurso para obter a cátedra que alcancei.

Da Universidade do Porto ou melhor da Faculdade de Letras do Porto ouvi com frequência falar Hernâni Cidade. Aludia, com certa melancolia, a um passado, injustamente truncado. A extinção da Faculdade de Letras do Porto doía-lhe profundamente. Citava episódios ali decorridos, louvava os cursos de professores que eram nomes grados da Cultura Portuguesa, mostrava-se sempre esperançado no recomeço daquela instituição.

Como adivinharia eu, que, um dia, reconstituída, a Faculdade de Letras do Porto me admitiria no número dos seus professores.

Foi numa manhã fria, húmida e cinzenta que prestei provas para professor catedrático numa sala gélida. A da Reitoria do Largo dos Leões. Aquecia-a o calor da amizade de alunos e colegas de Lisboa que se tinham metido a caminho para me apoiar; aquecia-a o acolhimento simpático de alguns estudantes e futuros colegas do Porto.

A capa de estudante, com que sempre me apresentei em todas as provas universitárias, feita por minha Mãe, protegia-me do frio.

Acaloradamente protestei contra o regime de provas de então que privilegiava um saber enciclopédico, desprezando a especialização desejável num professor catedrático. É que tendo ensinado, ao longo de anos, as literaturas portuguesa e espanhola, o ponto que me coube em sorte como tema de lição enunciava-se assim: *Verlaine e o simbolismo em Portugal*.

Foi breve o meu tempo tripeiro de ensino. Circunstâncias alheias à minha vontade impediram-me de me inserir de modo demorado na Faculdade que me acolhia.

O Porto atraiu-me e habituei-me depressa a querer bem a uma cidade que, sisuda embora e austera, me oferecia aos olhos deslumbrados paisagens ribeirinhas de inigualável beleza. E não só paisagens ribeirinhas como súbitos recantos, pitorescos, carregados de história que interiormente soletrava. Era uma vez a súbita lembrança da leitura da descrição do casamento de D.João I com D.Filipa, ali na Sé do Porto na *Crónica de D.João I* de Fernão Lopes. Às vezes em deambulações, demoradas, era Raúl Brandão que surgia a mencionar o nevoeiro da cidade – uma cidade de sonho, os poentes esplendorosos, o casario meio escondido pela névoa. E o Porto quase conseguiu embruxar-me, a ponto de chegar a admitir renunciar à luminosidade mediterrânica de Lisboa, donde sou natural, trocando-a pela cinzenta nebulosidade desta cidade atlântica. E só me não enraizei no Porto por dolorosas razões familiares já aludidas.

A transferência para a minha Faculdade de origem, a de Letras de Lisboa, concretizou-se mal tinha passado um ano sobre a vinda para o Porto.

Ficou-me daquele tempo portuense uma certa nostalgia que as minhas andanças pelo mundo não anularam mas atenuaram. Recordo, com saudade, a graciosa malícia de colegas que, de cada vez que me despedia, visto demorar-me apenas três dias por semana no Porto, me recomendavam: “não se esqueça de levar recados nossos para a Corte.” A Corte era – é óbvio – ironicamente a Lisboa do Poder, das decisões válidas ou arbitrárias que, de certo modo, não reconheciam a importância da capital do Norte...

Depois andei por Universidades brasileiras, a pregar o evangelho da Cultura Portuguesa. Desde S.Luís do Maranhão a Porto Alegre, de Manaus ao Rio e a S.Paulo e em tantas outras Faculdades (eram creio,

na altura 52). Em muitas, se não em quase todas, andei apresentando a literatura portuguesa, sobretudo a contemporânea.

Correspondendo a um convite francês, e num movimento de quase gratidão, fui professora na Sorbonne em 1976-77 e 77-78. Explico-me quanto à gratidão: é que tendo-me sido recusados pelas autoridades portuguesas uma bolsa de estudos e um lugar de leitora, a França concedeu-me a bolsa de estudos que me fora negada e propôs-me como leitora do Institut Catholique de Paris, onde leccionei. Quando terminava a minha missão de ensino na Sorbonne, em Junho de 1978, apagava-se na Califórnia a voz de Jorge de Sena. E, embora decidida a regressar a Lisboa, admiti ir substituí-lo. E foi a «aventura americana» de dez anos de sucessivas viagens de ida e volta (metade do ano na Europa na Faculdade de Letras de Lisboa e outra metade na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara). E, seguindo neste particular o exemplo de Jorge de Sena, desloquei-me a fazer conferências ou seminários, sempre sobre temas portugueses ou brasileiros, entre outros, aos campus de Berkley, de Los Angeles, de Santa Clara, de Harvard, etc.

Alfacinha de gema, embora de primeira geração lisboeta, nada e criada em Lisboa, nenhuma predisposição para a «mudança» deixava prever a vida de «estrangeirada» que foi durante mais de duas dezenas de anos a minha. Cedo, porém, os horizontes do terrunho se me alargaram à vizinha Espanha onde em Santander frequentei, ainda aluna da Faculdade, um curso de iberismo. Recém-licenciada fui de largada, na companhia de David Mourão Ferreira, Matilde Rosa Araújo, Eugénio Cardigos e António Coimbra Martins frequentar em 1947 (48?) um curso de férias para estrangeiros na Sorbonne. E dir-se-ia que então se iniciavam os meus itinerários por esse mundo fora, numa espécie de fidelidade a uma vocação bem portuguesa – a da diáspora. Mas era uma diáspora entrecortada de regressos.

Nunca foi longa a separação entre mim e uma das minhas paixões – a do ensino. O ensino foi sempre para mim um desejo de

comunicação, um esforço de diálogo entre o docente e os discentes, dando a estes, sempre que possível, a oportunidade da intervenção. Professora de literatura desejei sempre despertar os alunos para a beleza do mundo que a palavra (ou as palavras) tentam transmitir. Senti-me sempre, quando leitor(a) das grandes obras literárias, *intérprete*, com a consciência das limitações que toda a interpretação implica.

Devo muito aos meus alunos: colaboração, espírito crítico construtivo, estímulo para aventuras de interdisciplinaridade, etc. Naqueles tempos solicitar a colaboração de colegas, musicólogos ou historiadores de arte, para *situar* a obra literária, era uma aventureira inovação.

Recordo com saudade muitos dos meus alunos; citarei apenas alguns com os quais já não posso conviver pois a morte os levou: Maria da Graça Carpinteiro, Francisco Quintanilha, Luísa Neto Jorge, Ruy Bello, João Palma Ferreira, Emílio Pires, José Ribeiro da Fonte. Tive a ventura de pertencer a um grupo que continuamente se alargava generosamente e que Vitorino Nemésio baptizou de “família românica”. Hernâni Cidade, Vitorino Nemésio, Jacinto do Prado Coelho, António José Saraiva, Andrée Crabbé Rocha, Urbano Tavares Rodrigues, David Mourão Ferreira faziam parte da família. A ela se agregaram: Vitalina Leal de Matos, Fernando Cristóvão, Idalina Resina Rodrigues, Maria de Lourdes Ferraz, Alzira Seixo e alguns mais.

Devo o ter aprendido a fazer uma ficha e com rigor uma recensão crítica a Harri Meier, de quem fui aluna. Aprendi os rudimentos da investigação com Marcel Bataillon e Robert Ricard e Georges Le Gentil que ainda me acolheu, já nos seus últimos anos de vida. Eugénio Asensio emprestava-nos – a mim e a Lindley Cintra – os tesouros da sua Biblioteca; e o seu saber em cada encontro nos enriquecia. A ele devo – creio – uma visão larga da literatura portuguesa inserida num complexo hispânico.

Com Celso Cunha, Serafim da Silva Neto e alguns mais habituei-me a conviver com os valores do Brasil. Entre esses alguns mais

lembrarei Odylo Costa Filho, amigo fraterno, tão empenhado como eu numa real e fecunda aproximação cultural luso-brasileira.

Mas dois mestres me «marcaram» talvez mais profundamente: Dâmaso Alonso e Rodrigues Lapa que me iniciaram nos trilhos da Estilística. Foi Rodrigues Lapa quem me encaminhou para o estudo do estilo de Frei António das Chagas nas suas *Cartas Espirituais*. E Dâmaso Alonso, de quem me considero discípula, inspirou muitos dos meus ensaios. Guardo a mágoa de não ter acedido a um desejo seu: o de levar a cabo uma edição crítica da *Fénix Renascida*. Confessarei porém que a mágoa não me persegue insistente, pois que o interesse de tal edição seria sobretudo de carácter linguístico e sócio-cultural. Esteticamente a *Fénix Renascida* vale pouco.

Ora foi quase sempre a «perseguição» da Beleza nos textos o que me apaixonou e o que determinou muitas das minhas leituras. Os livros e os homens, o amor das letras e das gentes andaram, porém, quase sempre jungidos nas minhas escolhas. E foi na decifração da Beleza dos textos literários que também fui começando a decifrar o mundo. E foi ainda na decifração da Beleza dos textos literários que descobri o vigor e as múltiplas virtualidades da língua: A língua portuguesa que na confiança de Nemésio, feita a David Mourão Ferreira, nunca o desiludiu («Nunca apanhei a língua portuguesa em falta», (terá confessado). Esta língua da qual David Mourão Ferreira faz o louvor num livrinho admirável, intitulado *Magia, palavra, corpo* (Cotovia, 1993), esta língua é hoje uma das línguas mais faladas no mundo. E se a sua riqueza está patente «no amor do visível e do tangível» e é testemunhada pela tríplice aliança de *corpo-palavra-terra*, a sua riqueza está também na vontade de corporizar a *saudade*, no desejo de comunicar os valores do espírito, etc.. Com David Mourão-Ferreira aprendi a admirar as assombrosas capacidades de manipulação da língua que ao homem (português) foram outorgadas. David Mourão Ferreira, involuntariamente ausente nesta cerimónia de doutoramento *honoris causa*, está presente na homenagem que lhe rendo como homem de cultura e homem de palavra(s).

Defini em tempos a sua crítica como uma crítica «poliédrica» e fiz o louvor da sua docência: aulas com um travejamento harmonioso, com uma leitura dos textos que os tornava apetecíveis e uma actualização bibliográfica que comportava a mais recente informação sobre os temas em estudo.

Mas regresso ao ano da minha docência na Faculdade de Letras do Porto. E agradeço agora, sinceramente, à Faculdade de Letras da Universidade do Porto a minha generosa reintegração no seu seio e em especial aos que a promoveram. A literatura portuguesa foi a matéria do meu ensino. Foram meus alunos entre outros alguns dos actuais professores da Faculdade: António de Brito, Maria Isabel Pires de Lima; Arnaldo Saraiva, José Adriano de Carvalho, Maria Helena Paiva tinham sido meus alunos em Lisboa. E cá estou a desfiar as contas das minhas recordações relacionadas com o ensino. Mas se nesta evocação do passado me empenho, arrisco-me a enveredar por um tom saudosista que não é do meu agrado. Interessam-me sobretudo o presente e o futuro. E se o passado dá imagem de certos rumos, o presente pode e deve anunciar o futuro ainda que incerto e brumoso.

Redigi, de parceria com Jacinto do Prado Coelho, um breve ensaio sobre a *Evolução dos Estudos Literários na secção de Filologia Românica*, publicado em 1984, já depois da sua morte (*in* Revista da Faculdade de Letras, V, série nº 1).

Consagrei na altura algumas páginas aos então jovens docentes que já tinham elaborado ou estavam a elaborar dissertações de doutoramento. E tracei sumariamente o que me pareciam ser as linhas de rumo das suas escolhas como autores de estudos sobre a língua, a literatura ou a cultura portuguesas. Conviria actualizar aquelas páginas e fazer algo de semelhante para os estudos que das outras Faculdades de Letras (Coimbra, Porto, Évora, etc.) têm saído. E só assim se poderá desenhar, com certa clareza, um mapa das rotas que os estudos literários, a crítica e a teoria, têm seguido em Portugal.

A minha experiência no estrangeiro é às vezes dolorosa: verifico que obras de valor são ignoradas, só porque o português é uma língua pouco acessível e não houve coragem política de sistematicamente proceder à tradução de tais obras. Foi o caso de Eduardo Lourenço que só começou a ser conhecido depois da tradução de alguns dos seus livros, que apenas a partir de 1988 surgiram no mercado de língua francesa (cf. *Le Labyrinthe de la saudade*, Bruxelles, 1988 ou *L'Europe introuvable: jalons pour une mythologie européenne*, Métaillié, Paris, 1991). Mais um exemplo: a *Teoria da Literatura* de Vitor Aguiar e Silva, obra que considero capital, não é citada em obras congêneres francesas, pela mesma razão.

Um esforço tem sido feito, que se deve sobretudo à Fundação Calouste Gulbenkian, no sentido de tornar conhecida a literatura portuguesa, subvencionando a tradução de alguns dos seus autores maiores, sobretudo romancistas e poetas. Do Porto, estão traduzidos para francês mas escassamente Agustina Bessa Luís e Mário Cláudio entre outros. Os poetas têm sido mais bafejados pela sorte: Eugénio de Andrade e Sophia de Mello Breyner pode dizer-se que estão já não digo largamente mas suficientemente traduzidos. A voga de Fernando Pessoa é indiscutível e foi «facilitada» graças à tradução das suas obras. Hoje Fernando Pessoa, lido nas línguas mais faladas na Europa e até em línguas raras ou exóticas, é um grande poeta universalmente reconhecido como tal.

Abandono, abruptamente quase, esta digressão nascida da experiência de alguns anos, a tentar difundir a cultura portuguesa no estrangeiro: na França e nos Estados Unidos. No Brasil não é a língua que nos separa; outros são os obstáculos que terão de remover-se, para nos aproximarmos e nos reconhecermos.

Mas ousarei agora interrogar-me sobre se tenho saudades do Porto? Rodrigues Miguéis, nascido alfacinha, confessou sem reбуço ser às vezes assaltado por «inexplicável nostalgia do Porto». Recordo as conversas, já no Porto, com D. António Ferreira Gomes, com quem no

exílio dialogara dias e dias; as trocas de impressões, breves embora, com Óscar Lopes, autor que sempre citei nas aulas como um dos maiores, senão o maior crítico literário da nossa praça; os desenhos de José Rodrigues para ilustração de um texto de Jorge de Sena como que ainda os tenho sob o olhar.

E sempre o rio que contemplava de cada vez que chegava ao Porto, aquele mesmo rio que deslumbrante no seu curso e nas suas margens ainda há pouco reví em *Vale Abraão* de Manoel de Oliveira.

Na Faculdade de Letras do Porto prolonguei a reflexão que sempre me apaixonou sobre o lugar da Universidade no mundo de hoje. Equacionei com frequência a relação entre ensino e investigação; meditei sobre a ligação da Universidade com a vida; esbocei planos de estudo durante as viagens entre as cidades de Lisboa e Porto que me pareciam então, pela demora do comboio, mais distantes uma da outra.

O *ofício de professor* ainda agora me apaixonava. Mas, e de acordo com Raúl Brandão, o que procuro encontrar nos livros é *humanidade*; a leitura corporiza o desejo de aprofundar *o mistério do homem*.

Terei talvez agora mais tempo para interrogar *a escrita* e acaso também *pela escrita* comunicar uma experiência de vida.

Devora-me uma sede de saber, acompanhada da consciência aguda de uma imensa ignorância. Ainda há pouco, ao ler muitos dos textos do volume intitulado *Qu'est-ce qu'on ne sait pas* (edição da UNESCO) esta consciência me reencaminhou para o modo interrogativo que tem sido o que, dir-se-ia, com mais frequência, tenho conjugado na vida. Uma escassa quase mão-cheia de certezas? O salmista ensinou-me uma delas; recordo que a li em inglês num dia sombrio, na Califórnia, em Santa Bárbara: *I know nothing about tomorrow except the love of god*. Outras certezas encontrei-as admiravelmente expressas na beleza de um texto literário: as *coplas por la muerte de su padre* de

Jorge Manrique. Três vidas nos são concedidas: a terrena cujo termo se concretiza na morte; a da fama, se for o caso, que se perpetua até que a memória dos homens a esquece; e a única duradoira e verdadeira – a da eternidade. Jorge Manrique disse-o admiravelmente:

*Nuestras vidas son los rios que van a dar en la mar
que es el morir*

.....

*Este mundo es el camino
para el otro que es morada
sin pesar*

Maria de Lourdes Belchior
15 de Maio de 1996

ESTAMPAS



O Prof. Ferreira de Brito proferindo o elogio da doutoranda



O Prof. Arnaldo Saraiva proferindo o elogio do padrinho



A doutoranda solicitando o grau de Doutor *Honoris Causa* ao Magnífico Reitor



Imposição de insígnias à doutoranda pelo Presidente do Conselho Directivo Prof. António de Sousa Pedrosa



Discurso de agradecimento pronunciado pela nova doutora *Honoris Causa*

